

REPORTAGEM ESPECIAL

Rede hospitalar pública evolui na Serra Gaúcha

Roberto Hunoff, especial para o JC
De Caxias do Sul

Por décadas, a população dos 49 municípios atendidos pela 5ª Coordenadoria Regional da Saúde, com sede em Caxias do Sul, conviveu com a triste realidade da elevada dependência de atendimentos hospitalares em Porto Alegre por ausência de estruturas condizentes com as necessidades. A situação atual é outra por conta de investimentos públicos e dos próprios hospitais, a maioria filantrópicos, tornando a região não apenas autossuficiente para atender a praticamente todas as demandas, mas também uma referência nacional e, em alguns casos, internacional para o tratamento de várias patologias.

Titular da 5ª Coordenadoria Regional de Saúde, Tatiane Zarpeloni Misturini Fiorio destaca que na MacroSerra, com população estimada em 1,3 milhão de habitantes, atrás apenas de Porto Alegre, 22 hospitais atendem as demandas do Sistema Único de Saúde (SUS). O espaço territorial é dividido em microrregiões - Bento Gonçalves, Farroupilha, Caxias e Hortênsias, e Vacaria - cada uma com estrutura capaz de atender as demandas de alta complexidade, como oncologia, hemodiálise, cardiologia, neurologia e traumatologia, entre outras. Algumas doenças de menor incidência, porém mais graves, como oncologia para cânceres raros, implantação de marca-passos, cardiologia pediátrica e má formação congênita, todas de baixo volume, ainda têm Porto Alegre como referência.

De acordo com a coordenadora, existem projetos para também avançar nestes procedimentos. Porém, algumas dependem de equipamentos especializados, de custo elevado, e não há, ainda, volume de atendimento na região para viabilizar os investimentos, que se estendem à infraestrutura física. "Em casos como esses, Porto Alegre é referência estadual, mas temos conversas com o Hospital Geral para agregar alguns desses procedimentos", frisa.

Tatiane destaca que o número de leitos de UTI foi ampliado de forma significativa com a pandemia, mas ainda há déficit considerando o cálculo da Organização Mundial da Saúde (OMS) com base em quantitativo populacional. Áreas de neonatal e pediátrica estão supridas e recebendo pacientes de outras regiões, enquanto neurologia, cardiologia e traumatologia preocupam.

Ainda mais crítica é a situação da saúde mental, considerada um dos principais gargalos e a doença do século, principalmente depois da pandemia e, especificamente, no Rio Grande do Sul, após enchentes. "É a patologia que mais nos preocupa. Estamos com a sirene vermelha ligada, porque temos dezenas de pacientes aguardando leitos e regulação todos os dias. Também estamos dialogando com os hospitais para ampliar vagas nestas áreas", afirma.

Na avaliação de Tatiane, há avanços importantes na organização da média complexidade, enquanto a alta ainda apresenta gargalos, havendo a necessidade de abrir mais serviços para que o paciente fique mais perto de casa. Um dos problemas mais sérios é a defasagem da tabela SUS, que não tem reajuste há vários anos. "O governo paga R\$ 10,00 por uma consulta médica, esse é um problema crônico. Enquanto isso, os custos hospitalares só se elevam, exigindo financiamentos e tornando a operação deficitária. Os hospitais têm condições técnicas, mas esbarram diante desta situação", avalia a coordenadora.

De acordo com dados da Secretaria da Saúde, o governo gaúcho já destinou mais de R\$ 920 milhões por meio do programa Avançar Mais na Saúde para qualificar a rede hospitalar do Estado. Na região da Serra, os investimentos ultrapassam R\$ 107,5 milhões. Desse montante, R\$ 82 milhões foram destinados a obras em 16 hospitais e R\$ 25,5 milhões financiam equipamentos para 14 instituições.

Leia mais nas próximas páginas >>

